
***A História do Pequeno Alfaiate* de Tibor Harsányi**
ARS AD HOC

Concerto comentado por **Susana Henriques**

CCB . 19 de abril . domingo . 11h00 . Sala Luís de Freitas Branco



Programa:

Francesco Filidei (1973) *Esercizio di Pazzia I*

Tibor Harsányi (1898—1954) *A História do Pequeno Alfaiate*

Ficha Artística:

Narração e Comentários **Susana Henriques**

ars had hoc

Flauta **Ricardo Carvalho**

Clarinete **Horácio Ferreira**

Fagote **Cândida Nunes**

Trompete **Tiago Peixoto**

Percussão **Afonso Primo**

Piano **João Casimiro Almeida**

Violino **Diogo Coelho**

Violoncelo **Tiago Anjinho**

O ars ad hoc diferencia-se pela qualidade das suas interpretações e pelo igual à vontade com que se move entre música de diferentes estilos e épocas. Na sua oitava temporada, o ars ad hoc estreia-se no Centro Cultural de Belém, com a apresentação de *Esercizio di Pazzia I*, de Francesco Filidei, e *A*

História do Pequeno Alfaiate (1939), uma obra para octeto instrumental criada pelo compositor húngaro Tibor Harsányi (1898-1954), a partir do conto *A História do Pequeno Alfaiate Valente*, dos irmãos Grimm.

Um dia, um pequeno alfaiate mata sete moscas de uma só vez. Orgulhoso do seu feito, cose à cintura um cinto onde se lê: «Sete de um só golpe». Convencido de que tamanha valentia está a ser desperdiçada no recato da alfaiataria, parte à aventura. Ignorando quem com ele se cruza que o famoso «golpe» se refere a moscas — e não a humanos —, é sucessivamente desafiado a enfrentar gigantes, um javali feroz e até um unicórnio. Com coragem, mas sobretudo com inteligência, astúcia e alguns truques dignos de ilusionismo, o Pequeno Alfaiate supera todas as provas e acaba por se tornar «rei para toda a vida».

Como em muitos contos dos irmãos Grimm, também aqui se esconde uma lição de moral — embora não inteiramente unívoca. Será esta a história de como os pequenos podem vencer os gigantes, à maneira de David contra Golias? Ou uma reflexão mais ambígua sobre o poder da ilusão e do engenho como caminhos para a ascensão ao poder? É precisamente nessa ambiguidade que reside parte da riqueza da narrativa.